

RICARDO SERAFIM



OS OLHOS
NO JARRO

OS OLHOS
NO
JARRO

por Ricardo Serafim

1

O pano que cobria o jarro foi retirado, e a escuridão que me aprisionou por tanto tempo se desfez. A luz irrompeu, revelando novamente o mundo à minha volta. Junto com a claridade veio a dor. O meu ser, desacostumado com o dia, sofreu ao toque da luz, como a pele sofre ao toque de brasas. Esse ardor não era descabido. Anos haviam se passado, talvez até uma década. E por todo esse tempo fui prisioneiro do abismo negro. Abstraído da existência.

Sozinho.

Quando as formas começaram a se definir e o embaçar gradualmente foi sumindo, junto com a dor, pude ver onde estava e o que estava a se passar ao meu redor. Eu ainda era mantido naquele velho e conhecido escritório, cercado das mesmas antigas prateleiras de livros, os velhos armários, a imponente mesa de mogno negro ao centro, os estandartes da República ao lado da bandeira do nosso Estado.

Na parede à minha frente, ao lado do janelão, vários quadros e retratos pendurados. A maioria novidade para mim, sendo que um deles, o maior de todos, bem no centro da parede, estava cerimonialmente encoberto por um pano negro.

Empregadas caminhavam apressadas de um lado para o outro, espanando, passando o pano sobre cada canto do recinto, alinhando os livros, as canetas, os tinteiros, os papéis, as estatuetas, os porta-retratos, e nem o menor objeto era ignorado.

Uma jovem empregada ficou parada à minha frente, fez cara de asco, então começou a passar o pano sobre o jarro de vidro que me continha. Seu nome era Adriana. Fora ela quem primeiro me cegou e que agora me libertava das trevas em que me encontrava. Ela me temia. A maioria das empregadas evitava olhar para o jarro com Os olhos, mas Adriana, em particular, era quem mais desgostava de mim. A jovem não conseguia entender o porquê do respeitável patrão manter um objeto tão peculiar, para não dizer grotesco, exposto na prateleira central do livreiro, ao lado de outros objetos finos de decoração. Simplesmente não fazia sentido. Achava de muito mal gosto — ainda que ela jamais tivesse coragem de dizer isso para mais ninguém.

Adriana continuou a espanar a prateleira, visivelmente incomodada por estar tão perto de mim. Ela sabia. Havíamos feito uma breve conexão, há muito tempo, quando era ela a novata da casa. Uma pequena parte de mim agora pertencia a ela. E sei que ela sentiu um pouco de minha agonia.

Antes de virar as costas e ir limpar outra parte do cômodo, ela não resistiu e cruzou o olhar comigo novamente. Eu vi dentro de sua alma e sei que os pelos do seu corpo se eriçaram quando ela me sentiu entrando, vasculhando seus pensamentos. Ela deu um passo para trás antes de sair. A conexão ainda estava de pé.

Ainda naquela noite, enquanto a tragédia estivesse a acontecer, ela sonharia comigo. Antes de dormir, ela diria para sua colega de

quarto que estava se sentindo mal. Que sentia como se algo de ruim estivesse na iminência de acontecer. Sua colega a mandaria ir dormir e, no meio da noite, Adriana acordaria suada, agarrada ao travesseiro e sem fôlego. No outro dia, quando a notícia se espalhasse, essa colega passaria a olhar torto para ela, e passaria a evitá-la, pedindo para trocar de quarto com outra colega.

O que a jovem Adriana viu enquanto espanava os móveis naquela manhã e que a deixou tão incomodada, foi um par de olhos humanos flutuando dentro de um jarro de vidro, imersos em formol.

Muito prazer, isso sou eu.

Mas nem sempre foi assim.

Tal qual o crânio de uma besta é a prova que ali já houve um ser vivente, o par de olhos que repousa sobre a prateleira um dia também foi um organismo completo. Quando esses olhos estavam acomodados dentro de uma cabeça, esse ser chamava-se Ezequiel Maduro Furtado, ex-deputado e personalidade de renome do estado de Serpentino.

Não seja tolo de pensar que Ezequiel é o meu nome. Ezequiel está morto e sepultado. Seus restos repousam em um mausoléu de mármore no cemitério da Consolação, no bairro dos Alverdes. Foi enterrado com honras de Estado, num terno de linho fino com cravo na lapela, os olhos cerrados, ainda que por detrás das pálpebras murchas existissem apenas órbitas preenchidas com algodão.

Eu sou apenas o resquício desse homem. Uma parte, um retalho, os restos usurpados de um cadáver. Por isso, me chame pelo que sou e pense em mim apenas como *Os Olhos*, pois esse termo

representa fielmente tudo que sou.
Tudo que restou de um homem.

2

O Crápula convidou alguns ilustres colegas, gente da política e coronéis, a mais baixa estirpe de gente que manda e desmanda nesse pedaço esquecido de mundo. Todos reunidos neste escritório, trajados à altura do evento, na maior concentração de sanguessugas e canalhas, por metro quadrado, desde os tempos das capitâneas hereditárias. Quando entrou no escritório, foi recebido com palmas e sorrisos.

O Crápula estava alegre e altivo, a ponta do nariz avermelhada, mostrando para os colegas fotografias e as manchetes dos jornais. Helena, sua esposa, se aproximou, então ele a puxou pelo braço e beijou-a na testa. Os homens riram. Cristina, sua filha, foi a última a chegar e, assim que entrou, ficou no canto da sala sozinha, observando o pai sem chamar atenção para si. O sobrinho, Nestor, fez uma saudação e disse algumas palavras. O resto da trupe de abutres cercou o Crápula e encheram-no de apertos de mãos e sorrisos.

Ah! Cláudio, seu crápula! Como você gostava dessas bajulações! É notável como um político anda sempre acompanhado de uma corja de parasitas.

Os criados trouxeram os champanhes e taças foram erguidas. O Crápula posou ao lado do quadro encoberto e todos se calaram para ouvir o velho cão discursar. Ele falava e sorria, e agradeceu por não ter ouvidos, sendo imune a ladainha enfadonha daquele se-

nhor boçal. Vez por outra, os convidados riam risos diplomáticos.

O anfitrião deu o sinal e o criado puxou o pano, revelando o quadro. Um retrato a óleo do Crápula, em pé, ao lado de uma mesa, com a bandeira do estado de Serpentino ao fundo. Uma plaquinha de metal parafusada a moldura do quadro dizia:

CLÁUDIO BONFIM MENESES
- SENADOR DA REPÚBLICA -

Ele havia conseguido. O Crápula havia finalmente alcançado o posto que por tantos anos almejou. Palmas para o canalha, mais um facínora no senado.

Confinado em minha condição estática, só me restava especular quais atrocidades o Crápula teria cometido para conseguir chegar tão longe. Cláudio era da pior classe de político: do tipo que não hesitaria em vender a própria genitora para o pior prostíbulo da cidade. Venderia a alma ao diabo, se já não o tivesse feito. Quantos outros adversários ele teria mandado executar? Ah, Cláudio! A mim teus crimes não prescrevem.

O ego do Crápula deveria estar abastecido. Seguiram-se as palmas, os gestos lisonjeiros, a falsidade política e após a rápida apreciação do retrato o grupo se dispersou. Imagino que foram à sala de jantar ou ao jardim dos fundos, onde um belo banquete os esperava. Mais comida, mais bebida.

Restou-me o ambiente deserto. Onde pude encarar o retrato do excelentíssimo senador da república, posudo, altivo, fazendo cara de líder. Quanta pretensão para um covarde. Alguém que manda matar, mas não tem coragem de apertar o gatilho.

O relógio de pêndulo no canto da parede marcava 23:35 quando o senador retornou sozinho para o seu escritório. Bêbado, com os botões da camisa abertos, os poucos fios de cabelos da careca assanhados e a face rubra. Ele entrou trôpego, com uma garrafa de champanhe numa das mãos e um charuto na outra. Não se deu o trabalho de acender as luzes.

Deve ter sido um belo jantar. O bebum caminhou em ziguezague até a estante e pôs um disco para tocar. Deu alguns passos de dança desajeitados e constrangedoramente sem jeito, enquanto soltava baforadas do charuto para o alto. Arrastou a pesada cadeira de madeira e desabou sobre ela. A pança cabeluda subindo e descendo, brilhando com as gotículas de suor, a cabeça pendendo para o lado. O pândego ficou a admirar o próprio retrato na parede.

Senador.

Quem diria?

A janela entreaberta deixou que o brilho da lua entrasse no escritório e iluminasse seus fios de cabelo brancos e ralos. O Crápula havia se transformado num velho gordo de bigode branco e suspensórios, óculos de lentes redondas e papada no pescoço. Cláudio, não foi assim que eu te conheci.

A bebida enfim estava vencendo. O senador colocou a garrafa no chão, apagou o charuto dentro de uma taça avulsa que fora esquecida ainda com bebida em cima da mesa, e adormeceu sobre

a cadeira.

Como ninguém ergueu o braço da vitrola, o prato continuou girando mesmo depois que o disco deveria ter acabado. As cortinas ondularam, sopradas por uma brisa que eu era incapaz de sentir e, lá fora, engrandecia a noite. As copas das árvores balançavam suavemente, despertando o sentimento de abandono que estava adormecido em mim. O velho ódio, sentimento tão familiar, estava vivo.

A taça que estava com o charuto dentro se esfaçalhou. O barulho do estourar não incomodou o sono do ébrio ao lado.

O poder estava forte. *Pulsante.*

O tempo da retribuição havia chegado.

4

Um vento mais forte fez a janela abrir um pouco mais. Um gato persa saltou para cima do parapeito da janela e começou a passear sobre a sacada. O felino olhou desconfiado ao redor antes de pular para o interior do escritório.

Passeou pelo tapete, esfregou-se entre as pernas adormecidas do senador e cheirou-lhe as pontas dos dedos que pendiam dos braços caídos. Não havendo reação do ser, que pelo movimento da barriga imagino que deveria estar aos roncós, o animal pulou sobre a mesa e caminhou entre os porta-retratos e pastas, parando para cheirar os cacos da taça estourada.

De súbito, como se algo tivesse chamado sua atenção, o gato enrijeceu as orelhas e levantou a cabeça. Aguçado pelo instinto sobrenatural que domina esta espécie, o animal girou o pescoço e

olhou diretamente para mim.

Os Olhos.

Houve um perfeito entendimento tácito entre ambas as partes; os Olhos e os olhos do gato.

Mais instigado, o felino correu sobre a mesa e, usando a barriga do Crápula como trampolim, saltou para a prateleira do armário, vindo em minha direção. O animal parou ao meu lado e ficou a me fitar, curioso e atrevido. Como é bela a natureza desses animais.

Após um momento de admiração, o gato virou repentinamente a cabeça na direção da porta. Deduzi que algum som chamou a sua atenção. Então, a porta do escritório se abriu, liberando um fecho de luz sobre o chão, e uma silhueta surgiu à entrada. O gato saltou de volta ao chão e correu em direção a figura. Encontrou-se com ela no meio do escritório. A figura abaixou-se para apanhar o gato e só então reconheci que era a sobrinha do Crápula, a garota da qual eu não tinha como saber o nome, pois quando esta criatura veio ao mundo eu já era um par de olhos num jarro de vidro.

A garota pegou o gato nos braços e pela afeição mútua, logo compreendi que o gato atrevido era seu animal de estimação.

Lembro da última vez em que a vi: ela era uma menininha correndo pelo escritório, tirando os livros do lugar e brincando na máquina de escrever. Como eu consigo me lembrar tão bem de detalhes tão insignificantes? Ora, quando tudo que se pode fazer é *ver e pensar*, não se esquece de nada, por mais singela que seja a lembrança.

A sobrinha puxou a porta devagar, sem chegar necessariamente a fechá-la de todo, com medo de perturbar o sono do tio. Ela

seria a última pessoa a ver o Crápula com vida.

O relógio de pêndulo marcou meia-noite. Era hora!

A vingança dos Olhos não podia esperar mais. Estava impossível de segurar a força. Vinha como uma onda, um impulso irrefreável. Deixei que essa onda se propagasse em direção ao alvo, num estouro de energia represada por anos de ódio silente.

Então, o Crápula começou a sufocar.

5

Assim como nas melhores tragédias clássicas, outrora eu e o Crápula fomos amigos. É risível, vendo este desenlace, que eu esteja usando o máximo de minhas energias para tentar matar esse homem que no passado foi o meu melhor amigo.

Conheci Cláudio nos tempos de mocidade. Ele era, assim como eu, um estudante do Colégio Brigadeiro Justiniano Meier, o mais rígido e conservador internato do estado de Serpentino. Eu era um menino travesso, criado na roça, que havia sido enviado pelo meu tio para estudar nesta respeitável instituição. Enquanto Cláudio era o filho único de um notório homem de negócios, vindo do estado do Ceará. Tínhamos a mesma idade, fazíamos a mesma série, mas estudávamos em turmas diferentes.

Nos conhecemos durante uma de minhas incansáveis malcriações. Estava matando aula e lendo uma revistinha pornográfica escondido atrás da escada, quando o inspetor de plantão me apanhou em pleno delito. Fugui correndo pelos corredores e o obtuso inspetor correu atrás de mim, já com a cinta na mão. Quando do-

brei o corredor, dei de frente com Cláudio que vinha de alguma aula vaga. Cláudio, que era um garoto calado, mas esperto, notou a minha aflição e retirou de minhas mãos a revistinha imprópria, me entregando em seu lugar um livreto de piadas. Guardou a revistinha em baixo do uniforme, e continuo caminhando como se nada tivesse acontecido.

Não nos conhecíamos direito e, mesmo assim, Cláudio salvou minha pele. É claro, no final o inspetor me pegou de qualquer jeito. Fez cara de decepção quando viu que se tratava apenas de um livreto de piadas e recebi dez palmadas com a palmatória como punição por ter matado aula. Mas se o inspetor carola tivesse me pego com a revistinha pornográfica, ah!, teria sido muito pior.

No outro dia encontrei Cláudio no refeitório e lhe agradei o favor. Ele me devolveu a revistinha, que na época era um tesouro para qualquer criança, e desse gesto de solidariedade nasceu uma amizade que duraria muitos anos.

Crescemos juntos. Saímos do internato, fomos para faculdade. Quanto mais o tempo passava, mais se fortalecia nossa amizade. Isso mudou, é claro, no dia em que conhecemos Helena.

Diga-me, existe caminho mais suscetível a destruição de uma amizade do que uma formosa mulher de cabelos claros e olhos brilhantes?

Pouparei a todos das descrições íntimas a respeito da competição de dois amigos pelo coração da mesma mulher. Leia qualquer dessas brochuras românticas que vendem aos montes nas bancas de jornal, é sempre a mesma coisa. E no final, assim como nos romances baratos, alguém sempre sai perdendo. Para minha infe-

licidade, nesse romance, o perdedor fui eu.

O companheirismo de tantos anos havia sido desgastado, ferido de morte. Ainda assim, até então, não havia ódio entre antigos amigos. Como um cavaleiro, reconheci a minha derrota, e saí de cena. Seguimos nossas vidas, e cada qual foi para o seu lado. Paramos de nos ver e de nos comunicar, até que o último resquício da amizade deixou de existir.

Quis o destino, ou algum deus perverso, que ambos os antigos colegas entrassem para a política e, para piorar, em campos opostos do tabuleiro do poder. Partidos opostos, ideologias opostas. A guerra era inevitável.

No mesmo ano, concorremos pela primeira vez ao cargo de deputado estadual. Foi uma briga feia. Muita lama foi derramada nos bastidores. Perseguimos mutuamente os aliados um do outro, exoneramos apoiadores, compramos autoridades, criamos intrigas e difamações, subornamos infiltrados. Jogamos o pior jogo sujo que a política brasileira permitia. Ao final das eleições, para a alegria e tristeza mútua, ambos os concorrentes estavam eleitos.

A guerra continuaria por anos, mandato após mandato, nos digladiando nos bastidores, aumentando nosso poder. Muitos caíram no campo de batalha. Ano após ano aumentando o ódio. Nesse ponto, a lembrança de dois jovens amigos brincando juntos no pátio do internato era uma ideia tão distante que mais se parecia com um sonho, algo que acontecera em outra vida.

O equilíbrio de forças foi quebrado quando, num ano de grande conturbação social, o partido de Cláudio se fragmentou, perdendo a coalizão e o centro de comando. Enfraquecido, naquele ano Cláudio não conseguiu se eleger para nenhum cargo.

Pela primeira vez em anos, o meu rival estava fora do poder. Foi um golpe duro para ele.

Quanto a mim, continuava forte no meu terceiro mandato consecutivo, me deliciando com a queda do arquirrival.

Eu deveria saber que quando um animal está acuado é quando ele se torna mais perigoso. Deveria ter aproveitado a chance de eliminar Cláudio, de uma vez por todas, enquanto ele ainda estava fraco. Mas na época eu me achava muito superior e jamais imaginei até que ponto a loucura dele poderia chegar. Esse foi o meu erro e como me arrependo de tê-lo cometido.

Cláudio começou a articular sua vingança, afinal, um homem que passa tanto tempo no poder não aceita facilmente a derrota.

Havíamos feito muitas coisas execráveis durante toda nossa vida na política, coisas baixas e desonestas, das quais eu não me orgulho. Contudo, assassinato não fazia parte do nosso repertório de ações. Não sei se foi movido pelo desespero ou se isso era algo que ele já vinha alimentando há algum tempo, mas a verdade é que, ao final, Cláudio cruzou a linha.

6

Eu havia acabado de jantar no restaurante Cappi Bonanni, como fazia sempre que tinha uma reunião próximo ao centro. Atravessei a rua, e caminhei para a esquina onde meu carro oficial me esperava. Somente depois de entrar no veículo foi que me dei conta de que a pessoa sentada no banco do motorista não era o meu motorista habitual. Antes que eu pudesse esboçar qualquer reação, dois outros homens entraram ao meu

lado, de armas na mão.

Foi tudo muito rápido. Tentei gritar, mas um saco foi colocado em minha cabeça e senti uma pancada forte na nuca. Perdi a consciência e lamento não ter morrido naquele instante.

Quando acordei estava num galpão escuro, vendado, com as mãos atadas e pendurado pelos tornozelos, como um bovino pronto para o abate.

Seguiram-se horas de tortura. Pancadas, furadas, cortes e choques elétricos. Implorei para que parassem, tentei barganhar, mas meus apelos eram inúteis, então apenas desejei que aquilo terminasse logo, seja como fosse.

Após não sei quantas horas, ouvi o rangido de uma porta de metal abrindo e passos se aproximando, pisando em poças de água pelo caminho. As pancadas pararam. E foi sem nenhuma surpresa que ouvi a voz de Cláudio indagando a um dos meus torturadores:

— Já acabou?

— Está quase no fim, chefia. Esse traste não vai durar muito mais do que algumas horas. O senhor tem algum pedido especial? Ainda tem tempo para usar o resto dos brinquedos...

Ouvi Cláudio falar, com a voz fraca, quase como se pedisse desculpas:

— Quero os olhos dele.

— Como?

— Os olhos, eu quero os olhos. Você consegue ou não?

— Claro chefia. O patrão é quem manda.

— Termine de uma vez o serviço.

— O Senhor quer fazer as honras?

Silêncio.

— Tudo bem... Vamos acabar logo com isso então. Foi um prazer te conhecer sujeito. Espero que não leve pro lado pessoal. São apenas negócios.

Ouvi uma arma sendo engatilhada, seguido por um disparo.

Sei que é difícil acreditar, mas juro que senti o sangue escorrendo pelo buraco na nuca.

Esse foi o fim de Ezequiel, esse foi o meu nascimento. A Partir de então, passei a me referir a Cláudio como o Crápula.

7

Vaguei pela escuridão como se estivesse preso num sonho, reduzido a não mais que um fluxo de consciência. Não sentia meus membros, não sentia fome ou sede, não sentia sono, sentia apenas dor. O mundo se tornou fluido, como se tudo estivesse submerso. Acordei desse estado de suspensão quando fui retirado de dentro de uma caixa.

A primeira imagem que vi foi o rosto sorridente do Crápula. Não entendia o que estava se passando comigo. Estava preso, imóvel. Fitei o meu novo lar, ou seria melhor chamar, a minha prisão.

Cheguei a pensar que eu era um fantasma. Um espírito sofrente preso a um mundo material, incapaz de abandonar o motivo de seu ódio. Por muito tempo acreditei nisso. Até que um dia, por pura eventualidade, um espelho foi instalado onde hoje está o retrato do magnânimo senador. Então, pela primeira vez, pude me ver.

Dois olhos flutuando dentro de um jarro de vidro.

Como isso era possível? Que tipo de existência hedionda era esta?

Ponderei se o meu rival teria se aliado às forças obscuras, para usar de magia negra, capaz de acorrentar o espírito humano a um órgão sem vida. Mas logo abandonei esta linha de pensamento. Acreditar que o Crápula tinha inteligência suficiente para dominar tais técnicas ocultistas, seria dar crédito demais a ele. Não sei porque fui condenado a essa condição desumana, mas acredito que isso é resultado de uma força maior do que um homem. Tinha sido Deus ou o Diabo, quando tudo acabar, confio que descobrirei os seus motivos.

O tempo passou, e fiz tudo que podia fazer, *eu observei*.

Eu o vi envelhecer, vi o mudar das estações e dos anos pela paisagem da janela. O crescer dos prédios além dos muros da mansão. Um dia, Helena apareceu no escritório, sua proeminente barriga deixava claro: ela estava grávida. Algum tempo depois, Helena reapareceu, desta vez sem barriga e com um bebê nos braços. Mais algum tempo depois e esse bebê estava engatinhando sobre o carpete, depois caminhando, depois correndo de tranças e uniforme escolar.

O tempo passou, mais devagar para mim do que para o resto do mundo. Por muitos dias observei a paisagem estática, imutável. Haviam períodos em que nada acontecia, ninguém entrava no escritório, nada se modificava, nem um livro sequer era movido do lugar. Nessas épocas, a visita de uma simples faxineira era uma grande alegria, e, qualquer objeto novo trazido à cena era

como receber um presente.

De tanto ver, uma vez despossuído de pálpebras para cerrar os olhos, não tardou para que decorasse cada mínimo detalhe do cenário à minha volta. Havia memorizado o título e o nome dos autores de todos os livros dispostos na estante à minha frente. Sabia cada padrão do arabesco do tapete, cada entalhe no armário do canto, da mesa ao centro, cada utensílio sobre a estante, cada objeto de decoração sobre as prateleiras.

Mal posso descrever a felicidade que senti no dia em que um dos criados esqueceu-se de fechar a janela ao final do dia. Nenhum filme que tenha visto ou romance que tenha lido, se comparava aquele evento. Passei a noite admirando a paisagem pela janela. O trajeto da lua cheia no céu, o cintilar das estrelas, a dança dos corpos celestes. Cada estrela cadente que cruzava o céu noturno era um espetáculo indescritível. No fim da madrugada, uma coruja pousou sobre o batente da janela. Que magnífica criatura! Sua estadia foi breve, mas quando ela alçou voo e atingiu as nuvens, fui junto com ela, agarrado entre suas asas, num devaneio de liberdade da qual eu nem lembrava que existia.

Esse foi um dos poucos momentos felizes que experimentei em minha pobre existência como os Olhos.

8

E stava resoluto em passar o resto de minha existência como um ser imóvel. Aguardaria pacientemente o transcorrer das décadas, esperando pelo dia em que o efeito do líquido conservante enfim se extinguisse, e que as fibras que me cons-

tituem finalmente se desfizessem, me libertando dessa existência de sofrimento.

Isso mudou no dia em que descobri o poder.

Em um daqueles dias quando alguma coisa acontecia, entrou no escritório um criado com uma caixa de ferramentas. O homem martelou três pregos na parede da janela, e nesses pregos pendurou três quadros de igual feiura. O primeiro quadro retratava uma natureza morta cafona, o segundo um barco em uma tempestade e o terceiro um maldito moinho num campo de trigo.

O problema foi que o incompetente serviçal deixou o último dos quadros, o do moinho, levemente desalinhado com os demais. O empregado relapso deu alguns passos para trás, olhou por um instante o que acabara de fazer, inclinou a cabeça, percebeu o erro, deu de ombros e partiu. Sua tarefa era pregar os quadros, pois então, os quadros estavam na parede. Às favas com o resto.

Restou a mim, ter que encarar incansavelmente aquele grotesco desleixo.

Imagine uma farpa de madeira que entra no seu dedo e que, por mais que você tente, não consegue extrair. Aquele quadro desajustado era uma farpa de madeira dentro da minha mente e estava me enlouquecendo.

Para piorar, vez por outra alguém entrava no escritório, olhava os quadros, percebia o erro e nada fazia para corrigi-lo. Estava a ponto de enlouquecer.

Passei a odiar aquele quadro com tamanha intensidade que beirava a loucura. Foi assim até o dia em que uma das empregadas, após deixar uma pilha de pastas sobre a mesa, se deteve por alguns instantes antes de sair e ficou a olhar para aquela aberração.

ção. Então ela caminhou até a parede e, para minha surpresa, começou a ajustar último quadro. Quando ela partiu, os três quadros estavam finalmente alinhados!

Eu mal tive tempo de apreciar a sensação de alívio, quando, como se movido por um vento diabólico, o quadro do moinho escorregou sozinho e voltou a ficar tão desalinhado quanto antes.

Maldito seja!

Fui acometido por um ímpeto de fúria e desejei com todas as minhas forças que aquele quadro explodisse.

Eis que, na mesma velocidade do meu pensamento, o prego que sustentava o quadro foi expelido da parede, como um projétil no ar. O quadro caiu no chão e sua moldura se partiu com o impacto.

No outro dia pela manhã, a faxineira ficou intrigada com o que viu. Varreu a sujeira e recolheu o quadro quebrado. No mesmo dia, outro quadro foi posto em substituição ao quadro avariado, e, do mesmo modo que o antecessor, este também ficou levemente desalinhado. Mas dessa vez isso não me incomodou. Eu havia descoberto algo muito mais importante.

Finalmente, após tantos anos, eu poderia mudar o meu destino.

Como uma criança aprendendo a engatinhar, comecei a testar os limites desse *poder*. Empreendi toda a minha força mental em desenvolver essa habilidade, que até este momento, acredito ser um presente de Deus (ou do Diabo). Aos poucos, comecei a mover pequenos objetos: fazer rolar um lápis, uma tachinha ou uma moeda sobre a mesa. No ápice de meu treinamento consegui reti-

rar um livro da estante (a saber, A Divina Comédia, de Dante) e o atirei com tanta força que o tomo se espatifou contra a parede oposta.

Alcançar esse nível não foi fácil. O poder dependia obrigatoriamente de muita energia mental acumulada e, uma vez que essa energia era utilizada, eu ficava incapaz de exercê-lo novamente por muito tempo.

Sendo o poder um recurso valioso e limitado, eu precisava planejar bem a melhor maneira de usá-lo. Desde então, deixei que a energia se acumulasse. Tinha que esperar pelo momento certo e sabia que, quando esse momento chegasse, eu não teria uma segunda chance. Seria um tiro único. Tudo ou nada.

9

Preciso relatar mais uma impressão que, se olhada com cautela, talvez seja a maior moral dessa história — se é que podemos aceitar que esse drama tenha alguma moral para oferecer.

E esta é a ponderação: O Crápula mandou matar o outrora eu, Ezequiel, e sadicamente pediu que lhe arrancassem os olhos, com o intuito de imputá-los o sofrimento de assistirem as glórias do rival. Eis a suprema ironia, pois em todos esses anos de observação calada, eu vi o que Cláudio nunca conseguiu enxergar: eu vi a traição.

Hoje, meu arquirrival estufou o peito, orgulhoso, para mostrar aos seus correligionários — não mais que uma corja de bajuladores — o seu retrato oficial como senador. O que esse ser miserável

não sabe é que, pelas suas costas, muitos dos que batiam palmas no momento da cerimônia estavam o apunhalando pelas costas. Entre estas, pessoas as quais ele mais amava no mundo.

Comecemos pela maior e mais grave de todas, Helena. Esta mesma, nossa *Helena de Tróia*, o motivo de nossa primeira desavença, o começo de tudo.

Aconteceu nos meses em que Cláudio estava ausente, naqueles mesmos períodos de marasmo onde o escritório ficava deserto e nada acontecia. Entrou em cena um certo rapaz com ar de galã de filme francês, um sujeito com metade da idade de Cláudio e o dobro do vigor físico.

Numa tarde dessas, entraram os dois pela porta do escritório num agarramento fugaz, aos beijos e puxões de cabelos, tal qual dois jovens apaixonados queimando de desejo. O Don Juan consumou o seu ato de luxúria com a senhora da casa sobre a mesa de mogno, sujando os papéis do marido ausente.

Minhas limitações me impedem de saber exatamente a extensão do adultério, mas pelas amostras de luxúria que pude presenciar, é seguro supor que Helena e o rapaz forte fossem amantes de longa data. Não repreenderei minha outrora amada. Bem posso imaginar como deve ser pífia a vida conjugal ao lado de meu velho rival.

Além dessa, houve mais duas ocasiões em que presenciei o adultério de Helena. Uma na qual os amantes consumaram seu ato sobre o carpete, com taças de vinho, e outra na qual Helena ficou debruçada sobre a janela, enquanto o galã cobria de beijos suas nádegas nuas.

Como foi prazeroso assistir meu rival sendo traído. Helena,

minha cara, nunca pude ser o seu amante, mas ao te ver em prazer carnal com outro homem, tu também me vingaste, e por isso eu te perdoo.

Falemos agora de Nestor, o sobrinho.

Cláudio tinha muito orgulho desse rapaz. Imagino-o dizendo com orgulho: “Nestor é o filho homem que não tive e vai me suceder na política!”. Tão astuto na política e tão ingênuo na vida particular.

Por muitas vezes, Nestor entrou sorrateiro como um rato no escritório e ficou a remexer nos papéis do tio e a revirar as gavetas da mesa. O rapaz só se dava por satisfeito quando, na calada da noite, enchia os bolsos com maços de dinheiro. Aquilo para Cláudio não devia ser nada. Decerto culpava as empregadas ou pensava que deveria ser coisa da mulher, que pegava dinheiro escondido para comprar alguma coisa inútil, ou quem sabe, fazer alguma caridade. De qualquer forma, o ratinho continuava a morder o queijo na ausência do tio.

Um dia, Nestor finalmente achou algo grande. Algo melhor do que os cruzeiros que provavelmente duravam pouco mais do que uma noite de farra. Ele achou, por acidente, dentro de um exemplar carcomido de Dom Casmurro, um papel escrito à mão com a senha do cofre.

De posse da combinação, Nestor abriu o cofre sem excitação, vasculhou entre os papéis e retirou um envelope selado. O gatuno rompeu o selo, tomando cuidado para não danificá-lo além da conta, sentou-se na cadeira do tio e começou a ler o conteúdo.

Tudo que posso fazer é ver, então, como se para compensar a ausência dos demais sentidos, esse em particular era extremamen-

te apurado, de forma que eu via melhor que olhos comuns. Ainda assim, seria impossível que eu enxergasse o conteúdo daquela carta. No entanto, posso garantir que conheço aquele timbre e aquelas letras capitulares. Aquilo que Nestor tinha em mãos era tão somente o testamento do Crápula.

Nestor lia e relia os papéis, fazendo expressões que variavam da intriga a decepção. Por fim, o sobrinho fechou o cofre, colocou cada mínimo objeto de volta ao local de origem, um proceder que sempre fazia nessas ocasiões, e partiu, levando consigo o testamento e o lacre dentro da casaca.

Em três semanas o sobrinho retornou. Dessa vez não perdeu tempo: tirou o testamento roubado de dentro de uma maleta e guardou o documento dentro do cofre, como se de lá ele nunca tivesse saído.

Não é difícil imaginar o que o sobrinho pródigo planejou. Após ler o testamento do tio e descobrir que pouco da fortuna ali designada estava destinado para si, o ambicioso rapaz tratou pessoalmente de corrigir essa pequena injustiça. Levou o testamento para um falsário e pagara esse profissional, provavelmente com dinheiro roubado do próprio tio, para adulterar o documento e restaurar o selo, a fim de lhe favorecer na partilha.

A sensatez de qualquer indivíduo precavido teria dito para não abusar da sorte e não aumentar em demasia a sua parte na herança, evitando assim a desconfiança dos demais herdeiros. Mas em se tratando daquele jovem tolo, não me surpreenderia se na leitura do testamento, na frente do advogado e da família, todos fizessem cara de espanto ao descobrir que o sobrinho querido ficara sozinho com o casarão em Caligem, ou a fazenda no Sul do

estado.

Belo sobrinho! De fato, Nestor será um bom sucessor de Cláudio na política, pois corre em suas veias o mesmo sangue fraudulento do tio.

Uma mulher adúltera, um sobrinho salafrário, chegou a hora de conhecermos a filha.

Para todos os efeitos, os pecados de Cristina em nada se comparam as traições dos outros. De fato, o seu crime não deveria sequer ser algo repreensível, mas o que importa é que se o Crápula soubesse o que a filha estava aprontando teria ficado ultrajado, de qualquer maneira.

Cristina estava se encontrando às escondidas com uma colega da mesma idade, para, adivinhe só, apoiar o partido rival de Cláudio. Soube disso no dia em que a vi entrar no escritório com esta amiga. Elas vieram ao escritório para redigir um manifesto político. Enquanto uma das moças escrevia o rascunho, a outra datilografava o texto a limpo. Sem que a filha percebesse, uma das folhas finalizadas caiu da mesa, e pousou ao chão, bem na minha frente. A folha ficou naquela posição por muito tempo, antes que uma delas reparasse que estava faltando uma página e recolhesse a folha perdida do chão. Ainda que o papel tivesse ficado apenas um segundo a minha vista, meus olhos treinados teriam lido todo seu conteúdo em instantes. A folha era o resumo das propostas e ideias do partido opositor ao de Cláudio. Críticas fervorosas e acusações, inclusive, chegando ao ponto de nomear o próprio pai como exemplo a ser combatido.

Sem perceber, Cláudio estava alimentando e financiando uma inimiga debaixo do próprio teto. Há quanto tempo Cristina es-

tava envolvida com política e quando ela se revelaria contra o próprio pai, não posso responder.

Tudo isso eu vi, estando preso em um único ponto de vista, nas ocasiões em que, por acaso, algo aconteceu em minha frente. Fico a imaginar o que teria descoberto se eu fosse uma mosquinha e pudesse transitar despercebida por todos os cômodos desta mansão. Quantas outras traições teria descoberto?

Só peço que não me recrimine. Não tome de mim esse pequeno prazer que foi ver as derrotas do meu assassino. É exaltante saber que mesmo na morte podemos aprender algo sobre a vida, ainda que agora essa sabedoria não me sirva de nada.

10

Resta a última personagem neste drama de agonia calada, a peça derradeira.

A nova empregada chegou à mansão dos Meneses na época em que eu estava descobrindo e testando o poder. Lembro de quando ela entrou no escritório pela primeira vez, relutante e curiosa. Deveria ser uma mera camponesa, pois tudo que via a fascinava. Ela olhou os mapas, as bandeiras e rodou o globo sobre a estante, como uma criança. Veio caminhando pelas prateleiras e, enquanto passeava, vinha com a ponta dos dedos esticados deslizando pelas lombadas dos livros, até chegar em mim. Quando me viu, a moça tomou um susto e colocou a mão na boca com espanto. Olhou para trás para ver se havia alguém, e como não havia mais ninguém, retornou a atenção para mim.

Ela foi se aproximando cada vez mais de mim e pude ver bem

a sua face. O rosto de linhas delicadas, quase infantil, as sobrancelhas ralas, o nariz afilado, os dentes da frente levemente separados. Olhei bem nos seus olhos, eram *belos olhos castanhos*.

Enquanto ela me encarava, olhos nos olhos, por um ínfimo momento eu entrei em sua mente. Descobri o seu nome, Adriana, e vi uma pequena parte da sua vida. Ela também me sentiu invadindo sua consciência e deu um salto para trás, como se tivesse levado uma ferroadada de abelha bem no centro do cérebro. Ela se amedrontou e deixou o escritório às pressas, derrubando um livro na saída.

Por causa desse incidente, Adriana passou a evitar o escritório. Quando vinha, sempre ignorava os olhos no jarro e fazia de tudo para ficar o mínimo de tempo possível em minha presença.

Eu deveria ter previsto o que aconteceria. Adriana foi escalada para limpar o escritório, acredito que a contragosto. Duas vezes por semana, a moça de rosto delicado era obrigada a ficar sozinha comigo. Sei que ela me temia, e, a cada nova visita aumentava sua repulsa contra mim.

Um dia, ela se cansou de ter que trabalhar com a incômoda sensação de estar a todo momento sendo observada (observada por olhos humanos mortos que derrubavam livros das prateleiras e quadros das paredes). Então, numa tarde, ela entrou com um pano na mão e, sem nenhuma hesitação, encobriu o objeto que lhe causava arrepios.

Sem perceber a extensão de seus atos, Adriana me condenou a uma terrível tortura.

Permaneci nesse estado de trevas por muito tempo, até que, nesta manhã, a mesma pessoa que me colocou nas sombras, re-

tirou o pano. Vi novamente a face de Adriana e pude, mais uma vez, comprovar que ela ainda me sentia. Despertei de um profundo sono de agonia preenchido de poder e transbordando de ódio.

No fundo de minha alma — se é que posso me dar ao luxo de crer que algo como eu tenha uma alma — eu sentia que a hora havia chegado.

11

Mãos invisíveis estavam estrangulando o Crápula, *minhas mãos invisíveis*, deixando, em seu pescoço alvo, marcas fundas e vermelhas de dedos, a boca escancarada e a língua para fora. O Crápula começou a se debater sobre a cadeira, ainda na letargia do sono, tentando inutilmente se livrar de mim.

Um fio grosso de saliva começou a escorrer pelo pescoço e chegou até a barriga. Ele estava tentando gritar, mas sua garganta estava constricta, não passava nem uma arfada de ar. Ele se contorcia como uma serpente atingida na cabeça por uma paulada.

O Crápula se debateu sobre a cadeira até cair no chão. Chutou a cadeira sem perceber e começou a empurrar o tapete como se nadasse no chão. Temi que o barulho de suas convulsões pudesse alertar alguém que ainda estivesse acordado ou mesmo despertar alguém de sono leve. Havia muitas pessoas naquela mansão e apenas uma delas seria suficiente para estragar meus planos. Bastava que alguém entrasse no escritório naquele momento, que nem sequer estava com a porta devidamente fechada, que encontraria o homem se debatendo no chão. Sem conseguir ver ninguém

além do homem em agonia, o Crápula seria levado para fora do escritório, para longe do meu poder.

Eu não teria outra chance. Foram necessários muitos anos acumulando a energia necessária para isso. Se o Crápula escapasse, ele saberia o que aconteceu. Eu seria jogado dentro de um baú e trancado pelo resto de minha existência.

Ainda babando e se contorcendo, Cláudio olhou para mim, como se sua consciência tivesse gritado para ele, dado a resposta da charada. Então ele me encarou, com uma expressão de fúria e com os olhos injetados de sangue. Não foi preciso ler sua mente para descobrir o que ele estava pensando. Naquele momento ele soube. *São os Olhos, os malditos Olhos!*

Movido pelo que só posso conceber como uma força de vontade nefasta, o Crápula começou a se arrastar em minha direção. Sua face estava ficando roxa, seus olhos estavam vidrados em mim. Ele babava, e vinha cada vez mais para perto da estante.

A onda de energia que emanava era tão intensa, que o jarro que me continha começou a trincar. O formol começou a escorrer para fora através das fissuras no vidro. Passei a ver o mundo em fragmentos, como num caleidoscópio, várias imagens repetidas ao mesmo tempo.

12

O Crápula veio se arrastando, com o rosto inchado, a língua para fora, os olhos esbugalhados. Ele começou a escalar pelas prateleiras, uma após outra, com as mãos esticadas, tentando me alcançar. Quanto mais ele se aproximava,

mais eu o estrangulava. Ele estava a ponto de sufocar e eu estava no limite do meu poder.

A conexão estava tão forte que eu podia sentir a pressão de suas veias, a rigidez dos seus músculos. As pontas de seus dedos começaram a encostar no jarro.

Mais força, mais força, mais força.

Os dedos como uma pinça, triscando no vidro, quase agarrando o jarro, as minhas mãos invisíveis em sua garganta — apertando.

Houve um gemido vindo do âmago do esganado. O Crápula se contorceu, esticou-se ainda mais e conseguiu encostar a palma da mão no jarro, tentou agarrá-lo, mas o vidro molhado de formol escorregou de sua mão. Finalmente ele me pegou, mas era tarde para ele. O Crápula caiu, e me levou junto com ele para o chão.

O jarro se espraçou sobre o piso. Os olhos rolaram, cada um para um lado diferente. Passei a enxergar duas imagens diferentes simultaneamente. Um dos meus olhos rolou para debaixo da mesa, e outro rolou pelo piso e parou bem ao lado do rosto do Crápula. Com esse olho, eu pude finalmente ver Cláudio de perto, nos seus últimos momentos de vida.

O Crápula morreu olhando fixamente para mim, com seu rosto inchado e com a língua estirada para fora. Ele finalmente havia aceitado as trevas.

Quem primeiro entrou no escritório e viu o corpo sem vida de Cláudio foi o gato persa. Ele roçou na porta do escritório até conseguir empurrar e abri-la. Caminhou lentamente até o corpo caído, desviando dos cacos de vidro no chão. Com seu faro aguçado, o animal veio farejando pelo carpete até encontrar um dos meus glóbulos oculares, aquele que havia rolado para debaixo da mesa, e começou a cheirar o órgão. Lambeu, como se para experimentar o sabor da iguaria, e tendo aprovado o gosto, comeu o olho como se ele fosse um mero roedor.

Lambeu as patas, e guiado pelo faro novamente encontrou a segunda parte de mim. Repetiu o mesmo proceder, e também devorou o último olho.

Esta foi a minha segunda morte.

SENADOR ENCONTRADO MORTO!

O senador Cláudio Meneses foi achado sem vida dentro da própria residência, com claros sinais de estrangulamento. Nada foi roubado e não há indícios de arrombamento; diz a polícia. Até o momento nenhum suspeito foi apontado. Investigações prosseguem...

De todas as pessoas do mundo, apenas Adriana tem certeza sobre quem foi o autor do crime. *Ela sabe*. Sempre sentiu a energia negativa que emanava daquele jarro. Isso a incomodava e foi por isso que ela cobriu “aquilo” com um pano, para não ter que encarar aqueles olhos no jarro.

A noite Adriana sonhou novamente com os Olhos. Mesmo estando do outro lado da cidade, num pequeno barraco próximo a estação ferroviária, ela foi transportada para o casarão dos Meneses e lá ela viu o corpo caído do patrão, cercado por estilhaços de vidro.

Ela sentiu — *de verdade* — quando nos olhamos pela primeira vez, que uma conexão havia sido feita. Um nó que não poderia ser desatado. Um pedacinho de mim entrou em sua mente e ficou adormecido até este momento.

Foram aqueles olhos. Ninguém nunca vai acreditar em mim, por isso eu não serei tola de dizer. Mas eu sei. Foram aqueles olhos, ela pensou.

Tudo bem minha cara amiga, esse tempo já passou.

Eu estava me penteando em frente ao espelho de manhã quando algo chamou minha atenção.

Me aproximei para ver melhor.

Parecia que os meus olhos haviam mudado de cor. Agora eles estavam mais escuros, quase negros. Engraçado, eu sempre pensei que eles eram castanhos.

Como eu nunca percebi isso antes?

Ricardo Serafim

setembro/2019

serafim.escritor@gmail.com

www.ricardoserafim.com.br

Histórias de Horror para um mundo assombrado.